

Resenha: KUBOTA, Marília. **Eu também sou brasileira**. 2 ed. São Paulo: Lavra, 2020.

CIDADÃS E CIDADÃOS DO MUNDO, UNI-VOS!

Ceila Maria Ferreira¹

Eu também sou brasileira é o novo livro de crônicas de Marília Kubota, escritora ligada ao Mulherio das Letras e uma das articuladoras desse movimento que vem, desde 2017, crescendo no Brasil e em várias parte do mundo, num esforço de contribuir para a criação de condições mais democráticos para a produção, a transmissão e a recepção da literatura escrita por mulheres.

O Mulherio teve e tem, como uma de suas idealizadoras, a premiada e super cativante escritora Maria Valéria Rezende que, por sinal, escreveu o sensível e – permitam-me – líndíssimo e comovente “Guia para se tornar brasileiro(a)”, um dos textos que abrem o livro de Marília Kubota.

Esse texto de Maria Valéria Rezende tem início com as seguintes palavras:

Sim, esta aparentemente apenas coletânea de crônicas memorialísticas – que Marília finalmente reparte com todas nós – para mim, ressoou como um guia, no qual reconheci muitas etapas pelas quais já passei e outras que deixei escapar. Hoje, a recuperação das contribuições de nossas ancestralidades está no centro dos debates e da renovação da produção artística e, espero, do modo de vivermos juntos, nós: essa imensa mistura de heranças, muitas dolorosas, muitas enriquecedoras. Não podemos dispensar nenhuma delas. [...] (REZENDE, 2020, p. 12-13).

Concordo com Maria Valéria Rezende em gênero, número e grau. É isto. E Marília Kubota, com as crônicas de **Eu também sou brasileira** nos atinge em cheio, despertando nossa vontade de ler crônicas tão aproximadas a contos; crônicas que têm um tamanho tão condizente com o espaço do tempo de hoje, tão disperso, mas também tão carente de compartilhar experiências, de ouvir, de conviver, de aconchegar, de abraçar.

Destaco aqui a crônica, que abre o livro, com uma referência a Drummond e a um de seus poemas, que, muito intimamente, dialoga com o título da crônica que também dá título

¹ Editora da **FlorAção**. Coordena do Labec-UFF. Professora de Crítica Textual. Escritora ligada ao Coletivo Sonia Peçanha do Mulherio das Letras Rio e ao Mulherio Nacional. Membro da Abrafil. E-mail: ferreiraceilamaria3@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0859-0127>

ao livro de Marília, um título que nos faz pensar, refletir, dizer, Eu também sou brasileira(o), numa época em que, por tudo o que passamos e estamos passando, desde o golpe de 2016, nos afastamos de representações positivas de alguns dos símbolos pátrios, que foram, em larga medida, apropriados por algo de muito nefasto que não nos representa.

Outras crônicas, como as que trazem a figura de sua avó Miya, que escrevia uma forma de literatura praticada no Japão, a *tanka* (aprendi com a leitura deste livro saboroso), são de uma delicadeza, de uma sensibilidade que, como na fotografia, conseguem captar o instante, entre os quais, o da aproximação compreensiva da pessoa já adulta com sua própria infância.

Há uma crônica que fala sobre diários; outra, sobre o costume de não olhar nos olhos, no Japão; outra, sobre autoras; outra, de cafés, de restaurante. São muitos os temas que vão desde a bagunça da casa; as flores na estrada; o afeto; a necessidade de preservar a natureza; a denúncia da manutenção de formas de violência contra povos originários e sobre contatos com nossas irmãs e nossos irmãos latino-americanos... Diálogos. Trajetórias. Andanças. Necessidade de mudança.

Em outras crônicas, Marília dialoga com outros nomes da literatura. Numa, cujo título é “O Velho e o Mar”, o mesmo da conhecida obra de Hemingway, Marília nos apresenta a história da ligação de seu avô paterno com o mar. E faço questão de destacar aqui que os títulos das crônicas de Marília são também uma das razões que fazem esse livro ser tão especial. Casam-se perfeitamente com as histórias por eles nomeadas, além de, muitos deles, remeterem a obras da literatura, do cinema, da fotografia, da música, à pintura e a cenas do dia a dia. Vejam: “Eu Também Sou Brasileira”, “Retratos Antigos”, “Os Clarins da Banda Militar”, “O Velho e o Mar”, “Timidez Pra Que Te Quero”, “Por Trás de Estantes Sérias”, “Bicicletas Caiçaras”, “Sandubas e Mortadelas”, “O Demônio do Meio Dia”, “Graciosa”, “Olhos nos Olhos”, “Querido Nikki”, “Jornais e Jornalistas”, “Quem Quer Criar Desordem”, “De Volta Pra Casa”, “O Nada como Matéria-Prima”, “Escutando Mulheres”, “Lembrar e Esquecer”, “Insônia”, “A Cicatriz no Guapiruvu”, “Sonhos”, “Visita à Aldeia Pindoty”, “Fantasmas”, “Infância”, “Um Restaurante (Quase) Fecha”, “Miudezas”, “Saraus de São Paulo”, “Notícias Falsas”, “Uma Outra História do Brás”, “O Rio de Janeiro Continua Lindo”, “Santiago Insurgente”, “Perdas”, “Edições Cartoneras” e “Tempos Selvagens”.

São trinta e cinco crônicas. Histórias, a maioria delas, envolventes, comoventes pela delicadeza com que Marília, com uma linguagem que flerta com a poesia, as constrói, com temáticas que articulam lembranças de heranças de sua ancestralidade japonesa com possibilidades de colocar em foco, do público leitor, discussões sobre estereótipos, xenofobia, misoginia, capitalismo, desaparecidos/as político/as, aproximação do Brasil com o restante da

América Latina, necessidade urgente da preservação da natureza, assim como da preservação das terras e das culturas dos povos originários e muito mais. Nesse muito mais, estão as perspectivas decoloniais e feministas com que o livro é construído. Esse livro em que Marília nos apresenta um olhar em direção ao coração da infância, uma época que não volta mais. Contudo, me parece, não há, em **Eu também sou brasileira**, um olhar saudosista, especialmente, o saudosismo que paralisa. Não há. Há compreensão, aconchego, retomada de forças para seguirmos em frente, mas sem esquecermos das nossas ancestralidades, como bem disse Maria Valéria Rezende, nem de temas candentes e urgentes da atualidade.

Além disso, o livro traz, na capa, uma bela fotografia da família da autora (será que é a fotografia descrita em “O Velho e o Mar”?). Bem, a visão dessa fotografia já aproxima o público leitor da obra, pois, a própria visão daquela imagem alimenta a vontade de conhecer mais sobre aquelas pessoas, sete ao todo, três adultas e quatro crianças. Uma das adultas é uma mulher que parece olhar para a menina que está a sua frente. Será a mãe das crianças que aparecem na foto? Entre as crianças, há uma menina que olha para quem está tirando o retrato. Ela tem um olhar forte. Talvez – quem sabe? - não quisesse aparecer naquela foto. Talvez estivesse fazendo um esforço para vencer sua timidez. E o tema da timidez também aparece nas crônicas que formam o livro. Esse livro que Marília nos apresenta, que transita pela florida estrada da Graciosa, no Paraná; por “Sonhos”, de Akira Kurosawa, filme também formado por um conjunto de histórias; pela casa; pela rua; pelo país e pelo mundo.

O livro de Marília vai nos cativando, e, quando menos esperamos, lá está ele, em nossa cabeceira, esse livro, em que a autora nos apresenta lembranças de sua infância, que nos fazem pensar nas nossas lembranças, mas também na urgência de sermos sujeitas/sujeitos de nossas próprias histórias, que o momento passa, deixa marcas, lembranças que nos ajudam a resistir e a reunir forças, nestes tempos nefastos, para lutarmos pela construção de um mundo justo.

Marília Kubota, com sua linguagem delicada e firme dá corpo a temas candentes, contribuindo para que **Eu também sou brasileira** seja um livro que vai ganhando a gente, porque formado por histórias de pessoas que viveram que sonharam, que lutaram, trazidas a público por uma escritora que mergulhou na alegria e na dor da construção da Literatura. Sim, e não posso deixar de dizer que, concordando mais uma vez com Maria Valéria Rezende, no fundo, todas e todos somos, ou deveríamos ser ou ter o direito de ser, cidadãs e cidadãos do mundo. E é disso também que se trata esse apaixonante livro de Marília Kubota.

Referência:

REZENDE, Maria Valéria. Guia para se tornar brasileiro (a). In: KUBOTA, Marília.

Eu Também Sou Brasileira. 2 ed. São Paulo: Lavra, 2020, p. 12-14.